

Introdução

A Teologia da Prosperidade é uma vertente do protestantismo segundo a qual a prosperidade financeira e a saúde física são dádivas que Deus deseja conceder a todos os seus filhos. As origens dessa teologia remontam ao início do século XX, nos Estados Unidos, onde teria sido germinada sob influência de alguns movimentos religiosos que lá floresceram (PIERATT, 1993). Para Linde (1993), o próprio senso comum (tipo de sistema de coerência) atual americano sobre o tema do sucesso profissional deriva de correntes religiosas das primeiras décadas do século XIX, as quais

tentaram aliviar a rigorosa teoria da predestinação Calvinista do século XVIII com uma crença na eficácia da vontade individual, na vontade de Deus para cooperar com os desejos do crente e na abundância infinita de recursos disponíveis a qualquer pessoa que acredite em tal abundância. Começando como um sistema de coerência especialista, dentro de movimentos religiosos e de cura pela fé (...), essas crenças se tornaram parte do sistema de coerência do senso comum geral americano sobre os temas da profissão e da prosperidade (LINDE, 1993, p.222).

Aqui no Brasil, apesar de não ter uma obra sistematizada em língua portuguesa com o seu nome, a Teologia da Prosperidade, tema principal desta pesquisa, amealhou vários seguidores e se propagou rapidamente, incorporando-se ao discurso de muitos pastores e alavancando o crescimento das igrejas neopentecostais, fato que pode ser atestado pela quantidade tanto de horas que essas igrejas ocupam nas grades das emissoras quanto de megatemplos (prontos

ou em construção) Brasil afora.

Tendo chegado ao Brasil no final dos anos 70, a Teologia ou Evangelho da Prosperidade (doravante, TP) rompe com um modelo de Cristianismo (adotado por igrejas históricas ou pentecostais) centralizado na cruz, tida como símbolo de sofrimento. Segundo Mariano (1996), enquanto a maioria dos fiéis das igrejas (pentecostais) esteve privada de bens materiais, culturais e educacionais, o sectarismo e o ascetismo pentecostal não geraram grandes tensões. Contudo,

com a ascensão social de parte, ainda que minoritária, dos fiéis e com o progressivo aumento da conversão de adeptos de classe média, as tensões poderiam se intensificar, e muito, não fosse a acomodação ao mundo ou a dessectarização que, nas últimas duas décadas, começou a tomar corpo em diversas igrejas pentecostais (idem, p. 27).

O autor também firma que

Diferentemente de outrora, agora, muitos crentes, além de desejosos, reuniam condições econômicas de desfrutar das boas coisas que o mundo podia oferecer. Para isto, entretanto, primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, se não materialmente pobres, radicalmente desinteressados de coisas e valores terrenos (ibidem).

Contudo, ainda a TP tenha surgido inicialmente como resposta aos interesses de protestantes das classes média e alta, posteriormente caiu nas graças também dos menos favorecidos, por prometer um meio relativamente rápido de resolução de problemas e alcance de prosperidade tanto nos campos da saúde pessoal quanto financeiro. Diante dessas transformações comportamentais, ou seja, do aparecimento de um “neoliberalismo vestido de igreja”, em que o indivíduo “quer estar integrado à economia, quer consumir, desfrutar do lazer e da saúde física perfeita” (SOUSA, 2011, p.231), várias lideranças optaram por adequar sua mensagem à vontade de seus fiéis e potenciais adeptos.

É nesse período (anos 50 e 60 nos EUA e década de 70 no Brasil), que se dá o processo de acomodação de um segmento da igreja à sociedade secular, fenômeno que se aprofunda com a fundação das igrejas neopentecostais, igrejas protestantes, surgidas nessa época, cuja principal característica é a ênfase discursiva nas crenças da Teologia da Prosperidade.

Por ser cristão protestante de fé pentecostal, que compartilho com os neopentecostais os aspectos básicos da fé evangélica, muitas de suas falas, embora

imbuídas de um discurso alinhado à Teologia da Prosperidade, não eram percebidas por mim dessa forma; e provavelmente provém daqui a principal razão (pelo menos num nível consciente) desta pesquisa: “fazer o que é familiar ficar estranho, problemático, visível, passível de exame e reflexão” (GARCEZ & SCHULZ, 2015, p.18). Neste propósito é que formulei as seguintes perguntas orientadoras de pesquisa:

i) O que, em termos práticos e segundo o sistema de coerência da TP, é construído discursivamente como necessário (ser feito) a fim de que a prosperidade financeira se manifeste na vida de uma pessoa?

ii) Em que aspecto(s), caso exista(m), os princípios da Teologia da Prosperidade convergem ou divergem em relação ao dos cristãos reformados do período de expansão do capitalismo? Ou, em outras palavras, quais as semelhanças e diferenças, no que tange ao trato com a prosperidade, entre os atuais adeptos da TP e os primeiros protestantes bem-sucedidos financeiramente?

Na busca de tais entendimentos sobre a TP, convinha ao trabalho um cunho etnográfico; por isso, antes e ao longo da redação deste texto, empreendi pesquisas de campo durante as quais assisti a várias horas de programação televisiva produzida por igrejas neopentecostais e a inúmeros vídeos publicados nas páginas dessas mesmas igrejas na internet; além disso participei de cultos em igrejas que abraçaram o discurso da Teologia da Prosperidade. Neste trabalho, considero a TP como um *sistema de coerência*, ou seja, “um dispositivo cultural usado para estruturar experiências na narrativa compartilhada socialmente” (LINDE, 1993, p.163); essa narrativa, no caso, é aquela que emerge no testemunho dos fiéis.

Assim, não obstante os entendimentos criados aqui também tenham sido originados com base nos registros realizados em campo, por exemplo, a análise de narrativas televisionadas ou disponíveis na internet é que representará a coluna cervical deste trabalho, uma vez que foi precipuamente por esses meios que alcancei algumas respostas para as perguntas seguintes, tomadas como objetivos gerais deste trabalho:

a) Há elementos de presença mais ou menos recorrente nas narrativas

alinhadas à TP que emergem nesses contextos? Quais são eles? Qual a sua função?

b) Como os protagonistas das histórias, com ou sem a colaboração de um entrevistador, tentam ou conseguem torná-las coerentes e aceitáveis para o enorme público potencialmente ao alcance delas, mesmo considerando o alto índice de eventos excepcionais que nelas costumam se apresentar?

Na prática da estruturação de experiências através de uma narrativa de testemunho, o narrador recria suas histórias e recorre ao sistema de coerência (sistemas de crenças e relações entre crenças) da TP, que lhe “fornece um ambiente no qual uma declaração pode ou não pode ser tomada como a causa de outra declaração” (idem).

Isso acontece porque as narrativas “de bênção financeira” alinhadas à TP têm como característica principal a presença de um ou mais eventos excepcionais; é por isso que se faz imprescindível ao narrador (a fim de conferir coerência a sua história) “informar” ao(s) seu(s) interlocutor(es) não só a causalidade ou razão dos acontecimentos “problemáticos” mas também deixar claro que o faz a partir de um sistema de coerência que dá suporte e respaldo a tais declarações. Aliás, o rendimento desse trabalho de estruturação pelo fornecimento de causalidade adequada (ibidem) aos eventos de uma narrativa será tanto maior quanto melhor for o nível de sintonia, em termos de compartilhamento de pressupostos, entre entrevistador (pastor) e entrevistado (fiel).

As análises apontam que, nas narrativas alinhadas à TP, aparecem várias declarações que podem sim ser tomadas como a causa de outras, desde que se entenda que as narrativas orais de testemunhos alinhados à TP “não são momentos para se ouvir o que é verdadeiro ou falso, completo ou incompleto, mas sim eventos que propiciam reconstruções de sentidos, a emergência de narrativas de vida e a performance de identidades sociais” (SILVERMAN, 2001; apud ROLLEMBERG, 2013, p.42).

Também os estudos empreendidos sobre as narrativas tomadas como amostras para esta pesquisa sugerem que há manejos de causalidades

inadequadas¹, os quais inevitavelmente farão menção a práticas, comuns nas igrejas adeptas da TP, que envolvam a doação de algum tipo de oferta ou a contribuição financeira, atos que no sistema de crenças da TP são discursivamente representados como o de “plantar uma semente”.

Centralizei minha discussão em três dessas práticas: o sacrifício, as campanhas e as parcerias. Em todas elas subjaz, em maior ou menor grau, uma das premissas básicas da TP: a de que é preciso dar para receber. Objetivamente, sacrifício é o ato de se doar à igreja algo que lhe é caro, no intuito de ter sua petição respondida por Deus; fazer uma campanha significa comprometer-se a comparecer aos cultos de uma igreja a fim de que aquilo que se busca (casa própria, promoção profissional ou quitação de dívidas, por exemplo) realize-se na vida do fiel. Já nas parcerias a pessoa se compromete a enviar, mensalmente, ofertas para uma determinada igreja; esse tipo de sociedade com Deus seria uma via de mão dupla, na qual o fiel contribui com “a obra de Deus” na terra e este, por seu turno, age sobrenaturalmente em favor do seu sócio ou parceiro aqui na terra.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos, este (introdução) e mais cinco. Considerando que a temática religiosa não aparece com frequência em trabalhos acadêmicos de linguística, procuro apresentar no capítulo 2 (Contextualizando e justificando a pesquisa) alguns dos principais tópicos abordados nesta pesquisa, a fim de facilitar a leitura e compreensão do mesmo por parte de um eventual leitor leigo. Efetuo ali um breve histórico da religião cristã protestante, desde o seu surgimento na Europa até a sua chegada e gradual implantação no Brasil. Depois disso, no mesmo capítulo, discorro um pouco mais pormenorizadamente sobre o neopentecostalismo e sua ligação com a Teologia da prosperidade. Encerro o referido capítulo justificando a pesquisa, isto é, apresentando alguns motivos que a tornam relevantes no cenário atual.

No capítulo 3 faço uma abordagem dos aportes teóricos desta pesquisa; começo tecendo comentários sobre a sociolinguística interacional (SCHIFFRIN, 1994) e definindo as categorias tomadas de empréstimo a ela e utilizadas nas

¹ “Uma cadeia de causalidades que é aceitável pelos receptores como uma boa razão para algum evento em particular ou uma sequência de eventos” (LINDE, 1993, p.127).

análises (GOFFMAN, 1979; 1964; BLOOM e GUMPERZ, 2013 [1972]). Em seguida, faço uma breve historiografia do conceito de narrativa, noção central para o trabalho, atendo-me principalmente em comentários sobre a estrutura da narrativa laboviana (LABOV, 1972); sobre a perspectiva narrativa de Bruner (1997) e finalmente sobre o olhar de Georgakopoulou (2015) sobre pequenas histórias.

No capítulo 4 discorro sobre as circunstâncias em que essa pesquisa foi concebida, sobre seu caráter qualitativo e sobre como as crenças que a permeiam foram fundamentais para a determinação dos caminhos que trilharia a fim de criar entendimentos sobre a TP. Trato também sobre como se deu o trabalho de campo, que tipos de dados serão privilegiados nesta pesquisa e como eles serão trabalhados. Ao final do capítulo, faço uma pequena revisão bibliográfica a fim de situar a pesquisa dentro de um contexto científico mais amplo.

O capítulo 5 centralizar-se-á na análise dos dados; inicio-o com uma pequena revisão teórica e introduzo a noção de níveis de interlocução (cf. BASTOS & BIAR, 2009). As análises dos dados aparecerão em três seções, conforme o testemunho sob escrutínio. No final do capítulo, em sua última seção, tento responder às perguntas formuladas no início desta pesquisa, mencionadas neste capítulo.

No capítulo 6 retomo e resumo toda a dissertação, sempre procurando relacionar cada um dos passos desta pesquisa aos resultados encontrados. Falo de minhas expectativas relativamente a esta pesquisa, nas suas possíveis implicações, limitações e alego por que motivos entendo a TP como um sistema de coerência semiespecializado.